

BIONEWS 073 – BIOCOSTURAS 03: EXISTE CONSUMO CONSCIENTE NA MODA?

LEGENDAS

(/) : Representa uma mudança durante a fala;

(...) : Representa uma pausa na fala;

(“ ”) : Destaca títulos de obras literárias, textos científicos e termos em outro idioma;

(: “ ”) : Introduce um pensamento ou fala de pessoas que são mencionadas no podcast;

(*) : Destaca falas sobrepostas.

([]) : Destaca efeitos sonoros.

[música ao fundo]

[sons de pássaros cantando]

[música instrumental ao fundo]

Ricardo Gomes: Olá, bio-costureiras! **[risos]**

Rita Andrade: Adorei essa abertura!

Ricardo Gomes: Nós voltamos aqui hoje fechando essa segunda temporada do Biocosturas, deixamos essa segunda temporada falando sobre consumo consciente. Será que existe consumo consciente na moda, Rita?

Rita Andrade: Pois é, esse é um tema que está fechando essa temporada com chave de ouro, não é, Ricardo? É a pergunta dos milhões. Será que existe um consumo consciente? Nós vamos falar sobre isso e nós temos uma convidada. Vai ser um episódio muito gostoso de ouvir.



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Vai ser maravilhoso! E no episódio anterior nós conversamos um pouco sobre como a indústria da moda se tornou uma das indústrias que mais contribuem para a produção de lixo, para a liberação de gases tóxicos, para a manutenção do trabalho análogo a escravidão, e entre outras coisas, entre outros impactos negativos. Esse modelo de produção, que ficou conhecido como fast fashion, ainda é o principal negócio de diversas empresas. A ideia de fazer com que as roupas passassem rapidamente da mesa do designer para o varejo influenciou toda a indústria global que fez do fast fashion um grande negócio. E com ele o modo de consumo se tornou mais dinâmico, diminuindo o tempo de vida das roupas.

Rita Andrade: Pois é, Ricardo. E a principal engrenagem que sustenta o fast fashion é a produção e o consumo que são rápidos e constantes. A indústria da moda se tornou, talvez, uma das mais poluentes do mundo e isso nós sabemos por dados. E se vocês ouvintes estão se perguntando como isso tudo começou, nós temos a série completa dessa temporada, esse é o terceiro episódio e nós convidamos você a ouvir desde o primeiro e vocês vão ter uma narrativa que faça sentido do início até nós chegarmos aqui. Bom, a indústria da moda se tornou uma das mais poluentes do mundo e tem um relatório que é o Next Tal Economy Redesign Fashion Future que diz que desde 2002 a quantidade de roupas vendidas no mundo dobrou, mas o número de vezes que uma roupa é usada caiu 36%. No episódio de hoje nós queremos perguntar se existe uma alternativa ao fast fashion, que foi o assunto do nosso episódio 2. Será que dá para pensar em uma moda diferente, menos efêmera, mais preocupada com os efeitos da pós e da produção, do descarte masivo de roupas e de itens do vestuário, que privilegia produtos de longa duração e com um processo de fabricação que sejam mais sustentáveis? Será que é possível construir uma moda de um jeito diferente, Ricardo?



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Será, será? E você, bio-costureira que está aqui conosco, você alguma vez já comprou alguma peça de roupa, calçado ou acessório e nunca usou? Ou usou somente uma ou duas vezes e depois até esqueceu que aquela peça existia? É muito provável que isso já tenha acontecido com você ou talvez com alguém que more com você. E uma outra pergunta, quando você decide que não quer mais uma peça de roupa, o que você faz? Você vende, doa? E se ela já não estiver mais em condição de uso, você joga no lixo? Essas perguntas devem servir para lembrar que como consumidoras nós também temos responsabilidades pelos efeitos do fast fashion no meio ambiente. Mas atenção, nós não queremos cair no erro de culpar o consumidor pela forma como a moda é produzida no mundo de hoje. Aqui no Biocosturas, nós temos que a indústria e o mercado da moda são responsáveis por produzir esses comportamentos de consumo, que servem para eles obterem seus lucros. E a construção de uma moda sustentável deve passar por uma mudança radical na lógica de produção. E ainda sim nós acreditamos também que é importante que nós tomemos consciência desse sistema e de ações que nós podemos tomar para mitigar esses efeitos negativos. E quem sabe até mudar o sistema, ou como diria a Prit "reinstalar o sistema". **[risos]**

Rita Andrade: Sem dúvida, Ricardo, até porque a noção do consumo consciente não está restrita ao universo da moda. Isso é importante nos lembrarmos porque nós nos habituamos a falar e a tratar as pessoas como consumidores e na verdade nós estamos inseridos nesse sistema do capital e o consumo está na nossa vida em quase tudo. Então, toda a forma de consumo mas também de pós consumo, e descarte daquilo que não serve mais, faz parte dessa noção. Não seria um consumo consciente sem nós pensarmos naquilo que vai acontecer, com o que nós compramos e consumimos, depois dessa compra. Esse processo deve começar, portanto, no ato da compra ou até antes da compra. Então, vamos nos lembrar do que nós falamos do fast fashion no episódio 2, desse modelo que é propositalmente criado para



BIO ^{IN}
SITU

incentivar a necessidade de nós comprarmos novos itens o tempo todo, de acompanhar as tendências no que diz respeito à moda. Mas será que precisamos mesmo acompanhar as tendências? Eu arrisco dizer que para estar na moda e bem vestido, será que é preciso nós nos vestirmos de acordo com essas tendências? Olha, Ricardo, eu não sei se você vai se lembrar lá na nossa primeira temporada, nós falamos um pouco de história da moda e de como esse sistema está muito ligado ao moderno, ao mundo ocidental, como ele é diverso porque ele estimula a vontade e o desejo de você acompanhar mudanças sazonais. E essa sazonalidade antes era acompanhada com a sazonalidade do clima e hoje ela não acompanha mais. Então, em cada * **[Ricardo: Sim, as famosas coleções primavera/verão e inverno. [risos]]** Exatamente, como falamos no episódio passado, essa sazonalidade não é mais essa das estações do ano, mas ela acompanha na verdade uma busca, assim, infreada por um consumo de moda cada vez mais voraz. Então, a cada semana, a cada 15 dias, a cada mês, nós temos micro coleções disponíveis em magazines de fast fashion. Então, a moda como um sistema moderno dentro de uma visão ocidental de mundo acaba aumentando essa compulsão do consumo. Então, nós consumimos não só por necessidade mas para seguir o fluxo. Então, nós enquanto consumidores, nós precisamos perguntar, questionar e refletir sobre as ações pelas quais nós compramos um novo item de vestuário. Observar se as roupas que nós compramos realmente são roupas que tem um alinhamento com o nosso modo de ver o mundo. E às vezes compramos muita coisa e acabamos não usando, é importante tentar entender quais foram as razões que nos levaram a comprar apesar dessa roupa ter ficado sem uso. Se nós não fizermos isso, nós podemos estar sendo influenciados fortemente, ainda que inconscientemente, pela publicidade, pelas redes sociais, pelos algoritmos, que tendem e exploram nossos hábitos de consumo.

Ricardo Gomes: Sim, sim. E isso não significa que você deva parar de comprar as roupas que você quer usar, mas você pode consumir de forma a colaborar com um

modelo de moda mais sustentável. É verdade que tem surgido a algum tempo movimentos contrários do fast fashion e da indústria da moda, empresas que utilizam materiais reciclados e utilizam corantes mais ecológicos em processos mais sustentáveis, entre outras coisas. Esse movimento pode ser chamado de slow fashion ou ainda de eco fashion, muitas lojas e marcas exibem selos que atestam a característica sustentável de seus trabalhos, mas nem sempre, também, é possível confiar nos selos. Por isso, se você quer ter um consumo mais consciente é preciso colocar a mão na massa e ir atrás de descobrir se aquela marca de fato aplica todos os conceitos nos seus processos.

Rita Andrade: É e isso dá muito trabalho, Ricardo, essa é uma grande dificuldade que nós enfrentamos para encontrar aquilo que você gostaria de comprar e que tenha alinhamento com o seu modo de ver o mundo. As grandes marcas dificilmente disponibilizam informações que sejam suficientes para nós sabermos se elas estão operando de uma forma ética e sustentável em todo o seu ciclo de produção. Então, por causa disso foi criado um índice, o chamado o índice de transparência da moda pelo fashion revolution, nós falamos sobre isso no episódio 2. E esse índice procura avaliar justamente o quão transparente essas marcas são sobre os seus processos de produção. Nós convidamos uma designer de moda, a Elisa Trindade, que foi aluna da Universidade Federal de Goiás, e ela é hoje integrante do Fashion Revolution Brasil. Ela participa da avaliação do índice Brasil e ela parou aqui para conversar conosco um pouco sobre * **[Ricardo: Maravilha! Vamos escutar.]**

[música ao fundo]

Elisa Trindade: O índice de transparência da moda Brasil atualmente analisa as 60 marcas, grandes marcas, grandes varejistas, tanto da área de roupas quanto da área de calçados e da área de vestuário de moda praia aqui do Brasil. E nós tivemos uma grande, nós tivemos uma edição internacional que analisava também marcas



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

brasileiras, só que o Fashion Revolution Global como se diz quadro longo, percebendo a importância do Brasil, como aqui temos uma cadeia de moda completa, desde a plantação das fibras até as semanas de moda, foi então que eles perceberam que o Brasil precisava ter uma edição nacional do índice. Então, nós começamos com uma edição nacional e por isso todos os anos nós analisamos mais marcas, atualmente no índice de 2022 nós vamos analisar 60 grandes marcas. O índice internacional, o índice global continua existindo, mas nós também temos índices nacionais, o do Brasil vai ser lançado em novembro. E nós tivemos também o índice de transparência da moda no México, que teve a sua primeira edição no ano passado. Então, provavelmente, futuramente, outros países também terão suas edições nacionais. E porque esse índice é tão importante? Ele é um índice que analisa dados públicos das marcas. Então, nós temos toda uma metodologia de pesquisa e temos um questionário feito por parcerias com grandes pesquisadores, com uma equipe grande e muito gabaritada para fazer isso, que fez este questionário. Ele foi adaptado para a realidade brasileira, são poucas adaptações, mas existem algumas questões que são muito próprias do nosso país, principalmente se você for falar de algumas questões relacionadas às leis trabalhistas e tudo mais, alguns ajustes são feitos para que essa metodologia funcione também no nosso país mas ela não deixa de fazer sentido se você quiser comparar o índice brasileiro com o índice global. Mas nós fizemos uma extensa pesquisa, no momento estamos na fase 3 dessa pesquisa aqui no Brasil. Então, nós entramos no site das marcas e nós vamos procurando por respostas para as perguntas do questionário. É lógico que o de 2022 ainda não está disponível porque ele ainda não está pronto, mas se vocês entrarem no site do Fashion Revolution Uol, na aba do Brasil vocês conseguem acessar os índices dos anos anteriores. E também existe o questionário, você consegue visualizar quais são as perguntas que nós procuramos as respostas nos sites das marcas. Então, nós queremos saber as várias camadas, não só de como eles tratam os próprios funcionários mas também de como são as políticas relacionadas aos fornecedores,



BIO ^{IN}
SITU



Biologia In Situ Podcast

tanto de matéria prima quanto de produtos acabados; também como são tratadas as questões raciais dentro daquela empresa; como são tratadas as questões de trabalhos de pessoas imigrantes; questões relacionadas ao meio ambiente, relacionadas ao tratamento de efluentes; metas a curto e longo prazo de descarbonização, de implementação de políticas que reforcem a importância da diversidade dentro dos vários níveis hierárquicos daquela empresa. Então, é um índice muito completo, são mais de 200 perguntas e nós procuramos essas respostas nos sites das marcas. Então, eu como pesquisadora do índice estou tendo acesso a mesma resposta que o consumidor comum daquela marca consegue se ele acessar o site daquela marca e for procurar essa informação. Então, é um índice de transparência para entendermos como é por trás dessa cadeia da indústria da moda, que é uma cadeia tão grande, para que/ Se você conhece a informação / A transparência é o primeiro passo. Então, para você identificar um problema, você precisa saber que ele existe. Então, como que eu vou saber se a minha roupa está sendo confeccionada numa sala de costura adequada, com cadeiras ergonomicamente para a costureira ter um conforto na hora de trabalhar se eu não estou tendo acesso à essa informação. Então, o Fashion Revolution acredita que transparência é o primeiro passo para que mudanças sejam feitas. Então, acho que resumidamente o índice de transparência é isso. E outra coisa é que ele acaba se tornando uma importante fonte de pesquisa porque ao longo dos anos nós continuamos pesquisando as mesmas marcas. Então, é possível você ver e analisar uma mudança ou retrocesso de certa marca. E a cada ano nós inserimos mais 10 novas marcas e aquelas que estão desde o começo são avaliadas todos os anos. Então, dá para você ter uma noção geral dentro do panorama de como a nossa indústria brasileira é transparente ou não em relação a alguns pontos analisados.

[música ao fundo]





BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Lembra do que nós dissemos, têm muitas etapas na cadeia de produção de uma vestimenta; desde o plantio e produção das fibras, o tingimento dos tecidos, até a confecção das roupas e o transporte, e a cadeia logística. A demanda por serviços mais sustentáveis tem aumentado nos últimos anos, forçando as empresas a ter mais transparência e a mudarem as suas linhas de produção. Essa atitude exigente e investigativa por parte do consumidor é essencial para forçar a mudança na atitude da indústria. Assim, uma coisa a mais que às vezes nós só queremos consumir, só queremos uma roupa legal que nós gostamos para vestir, para nos sentirmos confortável e entra esse elemento a mais de termos que ir atrás de saber como foi produzida, e se teve algum abuso de alguém ou da natureza em alguma parte desse processo. Mas isso é parte da nossa vivência em sociedade, nós precisamos também ter, por mais que a responsabilidade do sistema seja uma coisa que caiba muito aos grandes players da área, as grandes indústrias que deveriam ter essa consciência maior, se nós pontualmente como consumidores não pressionarmos a mudança não existe.

Rita Andrade: É uma conscientização, não é, Ricardo e ouvintes... Conforme nós vamos percebendo a relação compulsiva que nós temos com esse universo do consumo, da compra de objetos, de alimentos, nós vamos percebendo o quão maléfico isso é! Tanto para nós quanto para o meio ambiente, isso que nós nos separamos do meio ambiente, mas pensando em uma ecologia, o quanto é importante perceber essa compulsão, para querer ter mais força para mudá-la e esse é um ponto importante, Ricardo, diminuir os impactos da produção têxtil não é só usar materiais mais sustentáveis, isso em si é importante, diminuir o consumo energético e reduzir o descarte de resíduos. É necessário também mitigar os impactos sociais, oferecer condições adequadas e salários justos aos trabalhadores. O problema é que, infelizmente, produzir dessa forma sustentável no nosso mundo é muito caro. Por isso, talvez, muitos de vocês ouvintes já tenham ouvido falar em slow fashion, mas



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN} SITU

Biologia In Situ Podcast

não consigam consumir por conta dos preços mais altos. Um dos fatores que garantiu as empresas do fast fashion, o seu domínio sobre o mercado foi exatamente isso: o barateamento da produção, que resultou em um produto com preço menor, um produto de menor preço, e, portanto, mais acessíveis ao público em geral. Mas se você está pagando pouco em um item de vestuário, em uma roupa, por exemplo, vamos dizer quinze reais em uma camiseta, nesse momento que nós gravamos esse episódio em 2022, pode ser um trabalhador que está trabalhando em condições análogas à escravidão, pode ser uma comunidade ribeirinha, que o rio da região está sendo contaminado. Então esse é um debate que certamente ocuparia aqui, Ricardo, um episódio inteiro ou muito mais que isso, porque é um problema complexo. Por isso nós queremos deixar aqui nessa nossa temporada, nesse episódio, uma reflexão: será que nossas atitudes como consumidores e a ação dessas empresas que estão produzindo de forma correta, mas precisam cobrar valores mais altos dos produtos? Será que é suficiente para reverter o efeito que o fast fashion tem? Ou nós estamos apenas diminuindo alguns desses danos?

Ricardo Gomes: E aí, uma opção para quem quer ter um consumo mais sustentável, porém não tem condições de comprar essas peças mais caras é o consumo de vestes de segunda mão, dos famosos brechós. O mercado de brechó tem crescido bastante em função dessa maior demanda dos consumidores por roupas mais sustentáveis. Segundo o SEBRAE, no Brasil, esse mercado cresceu 210% nos últimos anos. Junto disso, uma tendência de um estilo vintage também tem crescido e os brechós hoje já ganharam um rosto diferente de como eles eram no passado. Existe uma curadoria para selecionar, não somente peças em boa condição, mas peças que conversem e criem uma identidade para a loja, estimulando o consumidor a se sentir dentro da moda ao adquirir essas peças que normalmente são únicas.

Rita Andrade: Pois é, Ricardo, isso realmente cresce. Eu vejo na cidade onde eu moro, hoje que é Goiânia, o crescimento dos brechós e não é somente um crescimento em termos de número de lojas, de negócios, mas também diversidade



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

de brechós que a pessoa pode levar um número x de peças, e tem essa curadoria para escolher quais itens são adequados para aquele brechó, mas também tem lojas de trocas, biblioteca de roupas, funcionando como se fossem a biblioteca de livros, então a diversidade do tipo de negócio também cresce. Agora uma coisa que eu acho importante dizer é que o slow fashion não está associado apenas a roupas, ou marcas ou empresas de marca de luxo, no sentido de produzirem uma roupa, tão exclusiva e tão cara que seja restrita ao público específico, mas nós podemos praticar o slow fashion, por exemplo, usando aquilo que nós temos no guarda-roupa, procurando a costureira do bairro para fazer ajustes ou até reformar uma roupa e usar aquilo que nós temos, fazer troca entre amigos, têm muitas opções dentro dessa ideia do slow fashion e além de tudo isso, uma vez que você tenha tomado suas decisões e comprou aquilo que você queria, é preciso você investir na durabilidade desses itens. Então nós compramos esses itens e esquecemos que a manutenção da roupa, dos calçados é uma etapa importante nesse processo de um guarda-roupa mais consciente. Então verificar o modo certo de lavar as roupas e calçados, consertar algumas peças que foram danificadas ao invés de descartar, ou transformar. Uma roupa pode se transformar, por exemplo, em uma barra de uma toalha, pensar nessas combinações que você pode fazer com essas peças, tentando aproveitá-las o máximo possível. E além disso, reparar bem em tudo que está no seu armário e que não está sendo usado, quem sabe você não leva para o brechó da sua cidade, quem sabe você não experimenta essa novidade, se for novo para você, e passa a roupa para frente, vende ou doa para alguém que precise. E por fim, o que fazer com aquela roupa que nós não podemos mais usar? Esse sim é um problema que nós podemos explorar aqui, ver soluções, e eu acredito que as soluções para isso tendem a aparecer, a aumentar. Como nós descartamos tecidos e roupas que não vamos mais utilizar, para evitar que elas acabem parando em um lixão?

Ricardo Gomes: Acho importante também destacar isso que você falou é muito legal. Peças que você possa vender ou doar para alguém que precise e peças que já não



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

se pode mais utilizar. Tem pessoas que confundem essas coisas e acham que as peças que ela tem rasgadas, ou que não cabem mais e rasgou em algum lugar, e essa que seria a peça para descartar, ela coloca para doação. E para doação pense que outra pessoa vai usar aquilo, então ela precisa estar em condições boas de uso, você não vai doar coisas que estejam já muito desgastadas. * Exatamente.

Ricardo Gomes: Rita, vamos falar cum pouco mais sobre essa slow fashion, apesar de ser oposição ao fast fashion, o termo slow não é uma oposição proposital ao fast do fast fashion, essa coisa de devagar e rápido, dessas palavras em inglês, ainda que funcione também para fazer essa oposição. Na verdade, esse termo é derivado do conceito de slow designer.

Rita Andrade: É, ele é muito mais próximo do slow designer, apesar de poder ser comparado ao slow food, por exemplo, também. O slow design é um conceito no qual o objetivo do design é equilibrar as necessidades do indivíduo com as necessidades sócio- culturais e o bem-estar do meio ambiente. O design tem um papel importante, Ricardo, na sociedade. Ele é a prática de pensar, de planejar, materializar produtos, serviços que serão utilizados por nós. Então o designer tem um papel importante nessa nossa busca por uma forma mais consciente de consumo. O designer e ativista Alastair Fuad-Luke, que é um expoente da slow design, chama a atenção, no entanto, para o fato de que nos últimos 200 anos, o design tem sido utilizado para criar produtos e serviços que que estão muito alinhados ao capital e interesses econômicos e não com os interesses humanos e ambientais, então para isso são criados constantemente novos produtos, novos serviços, ainda que não sejam necessariamente melhores que os anteriores que são cada vez menos duráveis, e são vendidos com a ideia que o bem-estar individual é aquele que te permite comprar e acumular coisas, e eu acho que esse é um ponto bem importante no ativismo do design que nós podemos trazer para nos auxiliar a pensar a um guarda-roupa mais sustentável.



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Sim, e aí nós vemos também um ponto em comum com várias outras causas. A causa ambiental e pelo lado do veganismo e por todas as causas que em algum momento batem de frente ao capitalismo, que é esse sistema que faz justamente isso que você descreveu de associar o bem-estar ao acúmulo. E nós acreditamos, nós compramos, nós nascemos imersos nisso e é difícil sair. * É muito difícil, mas é possível, né, Ricardo? Acho que com alguns passos, devagar como diz a palavra, devagar, slow, eu acho que pode fazer grandes mudanças.

Ricardo Gomes: Assim o slow fica sendo uma defesa do ato de pensar o design a partir das necessidades humanas e ambientais, sem a necessidade de produzir coisas para servir as necessidades de um crescimento econômico acelerado, que abre mão da competição em torno do progresso tecnológico e que não quer se inserir no mercado de produtos com ciclos de vida cada vez mais curtos. Essa é uma proposta que tenta se enquadrar as discussões sobre sustentabilidade que tomaram forma a partir dos anos 1970, o que chamou atenção para o fato de que o meio ambiente não pode funcionar como um provedor ilimitado de recursos e nem como um depósito infinito de descarte. Além disso, os diferentes grupos e comunidades, assim como o planeta, tem necessidades fundamentais específicas para seu bem-estar. Logo, o desenvolvimento precisa ser responsável, tanto com o meio ambiente quanto com a sociedade.

Rita Andrade: E nessa perspectiva que nós estamos apresentando aqui, Ricardo, do slow fashion mais vinculado ao slow design. Esse termo slow passou a ser integrado por correntes que têm essas mesmas preocupações e em diversos seguimentos, como por exemplo, o slow food, como eu já havia dito, nos anos 1980 que debatem os problemas gerados por modelos de negócios das redes de fast food, claro, o slow fashion, que a origem é atribuída à designer e ativista Kate Fletcher, hoje é professora e pesquisadora do Centro para Moda Sustentável na Universidade de Arte de Londres, uma referência para nós pensarmos nessas questões, e que define o movimento como focado na qualidade, no qual designer e vendedores, comerciantes,



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN} _{SITU}

Biologia In Situ Podcast

consumidores estão muito mais atentos aos impactos dos produtos sobre as pessoas que produzem esses produtos, sobre trabalhadores, nas comunidades, nos ecossistemas. A proposta é, então, desenvolver uma indústria de moda que seja capaz de criar produtos de boa qualidade, que sejam duráveis, mas sem retirar das roupas esse seu potencial criativo, que tem sentidos próprios, que tem os seus significados, que tem sua história e que promovem a comunicação de alguma forma.

Ricardo Gomes: Sim, e nessa direção, várias empresas têm surgido com propostas mais sustentáveis, que devem incluir a proteção ao meio ambiente em cada etapa produção, ou seja, desde a extração da matéria-prima até o descarte adequado e o emprego de uma economia circular, ao invés da economia linear que nós temos, e também a responsabilidade social, com remuneração justa dos trabalhadores, oferecimento de condições adequadas de trabalho e o que mais precisar. Ao mesmo tempo, o movimento incentiva uma forma de consumo consciente, ou seja, um consumo de pessoas que trabalham em uma perspectiva mais sustentável e que oferecem transparência sobre seus processos e assim diminuindo os impactos individuais sobre o planeta e também incentivando que mais marcas mudem seu modelo de negócios para um de impacto menor.

Rita Andrade: A ideia do consumo consciente é uma espécie, vem se tornado um estilo de vida, porque o consumo consciente não fica restrito, não é, Ricardo? A um tipo de produto como a roupa, por exemplo, normalmente quem tem essa preocupação estende essa preocupação com aquilo que ela consome para a vida. * É um estilo de vida deles. / É um estilo de vida, a jornalista a autora de alguns livros sobre cultura do consumo, fast fashion sustentabilidade e direito dos trabalhadores, ela chama Elizabeth Klein. Ela descreve, por exemplo, que ela vive em um bairro, que foi projetado por pessoas que tem esse estilo de vida mais consciente, então esse bairro tem salões de beleza que tem produtos que não são tóxicos, lojas de comidas e bebidas que só vendem produtos orgânicos. Então essa é uma possibilidade, por exemplo. Então tem grupos se associando em torno de uma ideia, de um estilo de



BIO ^{IN} _{SITU}



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

vida. Criando pequenas comunidades, às vezes até grandes comunidades. O consumo consciente vai além de comprar apenas desses lugares, ou de pessoas que propõem mudar o modelo de consumo, não é só isso, como nós já tínhamos falado antes. Consumir apenas o necessário, fazer o descarte certo, adequado das coisas que você não quer mais, que não tem mais utilidade, isso também faz parte dessa conscientização de um consumo consciente. Nós conversamos sobre isso também com a Elisa Tupiná, em como as iniciativas, o índice de transparência da moda, o que ele tem promovido em relação a mudanças de consumo e como isso pode impactar essa dinâmica na indústria da moda, e a Elisa falou um pouco para nós sobre isso, vamos ouvir. * vamos!

Elisa Tupiná: eu acho que o mercado de segunda mão é um mercado que cresceu, que evoluiu, que mudou bastante nos últimos anos. Eu acho que marcas que já nascem mais conscientes é uma coisa também que vem crescendo bastante, marcas tradicionais do grande varejo entre outras, mudando algumas de suas estratégias também, é uma coisa benéfica, seja na utilização de matérias primas mais sustentáveis, seja na implementação de logística reversa, com seus produtos. Isso eu falo tanto na parte de roupa quanto também na parte de acessórios, na parte de calçados, que no Brasil nós temos bastante marcas de calçado que são grandes players da moda. Eu acho que essas mudanças, todas elas são bem-vindas. Eu acho também que nós já temos uma nova geração que está mais consciente de todas as questões, então as pessoas querem saber de onde vem a roupa que ela usa. De onde vem a comida que ela coloca no prato, então isso já tem surtido uma mudança significativa. Eu vejo, lógico que não é ainda uma coisa para todas as pessoas da sociedade, uma grande parcela ainda fica de fora desses movimentos, mas eu vejo de uma forma muito boa essas mudanças que vêm surgindo. Também na criação de materiais diferentes, você aprimorar a reciclagem têxtil é uma coisa que está sendo estudada ainda, mas eu já vejo isso como uma mudança bem positiva.



BIO ^{IN}
SITU



Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Muito bem! Embora nós entendamos que é necessário a pratica de consumos mais conscientes, não só na moda mas em todas as dimensões, nós precisamos chamar atenção para o fato que os problemas ambientais e sociais, como poluição, destruição de habitats, trabalho escravo, insegurança alimentar, entre outras não são causadas pelas nossas ações individuais. Logo não serão solucionadas só pela nossa mudança de comportamento. Colocar a responsabilidade socioambiental na dimensão pessoal é uma forma na verdade de mascarar a culpa que pertence às grandes corporações. Isso porque as ações individuais, na dimensão pessoal, no dia a dia não têm o mesmo efeito que ações sistemáticas, como a extração de recursos naturais em quantidades industriais. Mudar o nosso comportamento certamente é parte importante da mudança que nós precisamos, mas não vai resolver todos os nossos problemas, e é essa mensagem que nós queremos que vocês se lembrem, ao menos, desse episódio.

Música de fundo

Ricardo Gomes: Rita, vamos tentar falar um pouco de como nós podemos colocar em prática esse consumo consciente? Será que é possível montar um guarda-roupa sustentável?

Rita Andrade: Olha, eu acho que é possível nós criarmos, irmos construindo um guarda-roupa mais sustentável, e ter um guarda roupa mais sustentável implica em algumas atitudes diferentes, não dá para continuar fazendo a mesma coisa e esperar um resultado diferente. Isso nem na matemática é possível!

Rita Andrade: Não dá para nós continuarmos fazendo a mesma coisa e esperar um resultado diferente nem na matemática é possível

Ricardo Gomes: Isso tem a definição de loucura.

Rita Andrade: Não é? [Risos] Não é só para entrar em uma loja certa, mas é um conjunto de mudanças comportamentais mudanças de hábitos e como todos nós sabemos, mudar hábitos não é uma coisa que acontece com um estalar de dedo é



uma coisa que precisa de persistência, às vezes até um planejamento tempo para que nós consolidemos aquele novo hábito.

Ricardo Gomes: Sim, sim. Você falou de não... você só comprar na loja certa, mas inclui parar de comprar na loja errada também. Tem marcas de marcas que já são famosas por usar trabalho análogo à escravidão por diversas brechas na lei.

Rita Andrade: Sim, isso que você está dizendo é super importante Ricardo, cada vez mais e como o índice de transparência incentiva uma... pelo menos uma ampla divulgação daquilo que as empresas estão fazendo, isso incentiva, isso depende de nós também trabalharmos como multiplicadores dessas notícias. Então, à medida que temos esse conhecimento podemos tomar decisões mais pautadas nessa informação, nesse tipo de informação e aí mudar mesmo. O que seria uma espécie de boicote ou podemos cobrar das empresas, se eu gosto de uma empresa eu posso cobrar dela que ela mude algumas práticas. Não quer dizer que ela vai mudar, mas quer dizer que eu estou agindo. Nós conversamos com a Elisa Tupiná [41:51] sobre isso, Ricardo, e o que seria um produto mais sustentável na moda e ela deu uma resposta bem interessante. Vamos ver o que ela disse.

Elisa Trindade: é uma questão bem complexa, falado que é um produto sustentável na moda, porque sustentabilidade tem vários pilares, não sólido material. As marcas geralmente elas trabalham mais esse pilar da matéria-prima em si, então se você consegue optar por uma peça que é de uma matéria-prima natural, então as fibras naturais elas vão ser mais benéficas do que uma fibra sintética como poliéster por exemplo. Porque o poliéster você ... é uma fibra sintética que ela é vida do petróleo, o petróleo ele é um recurso que não vai ter para sempre, é um recurso que um dia vai acabar. Já o algodão, o linho, entre outras fibras naturais elas vem da planta. Então você tem em uma plantação você faz a fibra dessa plantação. Lógico que existe também alguns impactos dessa plantação de algodão principalmente no Brasil temos vastas plantações de algodão. Mas você fazer escolhas mais inteligentes já é um primeiro ponto. Então se você tem até pensando no final da vida dessa peça, se é



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

uma peça que ela tem fibras diferentes misturadas a reciclagem dessa peça é mais complexa porque uma vez que você misturou fibra natural com algodão com poliéster por exemplo, você separar isso depois é mais complexo. Se você tem uma peça que é 100% algodão por exemplo ela vai ter uma reciclagem mais facilitada no final da vida útil dela e outra coisa que há na hora da compra de um produto você sempre se perguntar se você realmente precisa daquele produto, se você não tem em casa que você conseguiu utilizar para aquela ocasião, se você não consegue pedir por exemplo se é uma festa uma coisa assim, se você não consegue alugar uma peça, pegar emprestado. Outra coisa também que é super importante e que eu acho que vem voltando com o tempo porque antigamente a gente levava uma peça em uma costureira para fazer uma barra, de repente costurar um botão que caiu. São coisas também que a gente pode fazer para aumentar a vida útil da peça porque eu acho que uma coisa que muita gente não sabe, hoje em dia nós temos um grande problema de poluição por microplástico, que microplástico são partículas muito pequenininhas de plástico que se soltam das roupas sintéticas no processo de lavagem em casa mesmo, na máquina de lavar, ela bate... no processo de lavar a roupa essas pequenas fibras elas são... vai pelo cano e deságua nos rios, nos mares e isso está contaminando com o que chamamos de microplástico. Então, até mesmo o cuidado de você ter em casa de não lavar uma peça sem necessidade, de não lavar demais, até mesmo para você diminuir essa poluição por microplástico e aumentar a vida útil dessa peça. Então, acho que é um conjunto de ações que conseguimos ir implementando no nosso dia a dia para fazer mudanças positivas até mesmo você... costumamos ouvir assim que a roupa mais sustentável é a roupa que já existe, ela já foi feita, já foram consumidos ali os insumos naturais ou artificiais para construção daquela peça. Então, pensemos com muito carinho que por trás de uma roupa tem muitas pessoas, tiveram muitas pessoas envolvidas para fazer aquela peça, então cuidarmos com carinho, escolher bem o material, pensar se você vai conseguir utilizar aquela peça por várias vezes. Então, é pedir emprestado, é emprestar uma peça,



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

trocar de repente... incentivamos que por exemplo numa escola, numa faculdade, aí vai ter um evento uma palestra lá então organizar um bazar de trocas às vezes eu tenho uma peça no meu guarda-roupa que eu não uso mais e eu posso trocar por uma outra. Então eu acho que esses são são alguns dos pontos e falando das marcas muitas vezes a gente vai estar ali com que a marca fala para gente " A essa peça é mais sustentável" Mas ela é mais sustentável por quê? É um "green wash" que seria uma mentira verde para falar que aquela peça é super legal e diferente de todo o resto e na verdade ela não é ou não, isso de fato é uma peça que tem um material inovador que tem algum processo por trás. Às vezes ficamos nessa dúvida, se é legal ou se não é legal? E eu acho que temos que entender que as marcas elas não podem ter em uma caixa preta se eu tô comprando... Olha, eu quero aqui comprar sua peça, você tem todo direito de questionar para aquela marca, seja questionar a vendedora na hora da compra, se a vendedora não tivesse informação é você entrar em contato com a marca, então entrar no site, procurar, perguntar. No Fashion Revolution temos... seja curioso, descubra, faça algo. Então, se você quer mesmo entender saber se aquele processo como que é, como que não é, você pode perguntar também, então entrar em contato, incentivamos também que as pessoas façam essa faça umas próprias pesquisas porque eu não posso chegar aqui falar "olha a roupa X é legal você pode comprar a roupa x não é" até porque depende dos seus parâmetros, do que você quer naquele momento.

Rita Andrade: Outro termo que costuma aparecer ser quando falamos desse assunto de uma moda mais sustentável e que é objeto de pesquisa na moda, é o guarda-roupa consciente ele tem diferentes denominações, algumas pessoas podem chamar de um guarda-roupa sustentável mesmo, é um movimento que vai na contramão do consumo que é mais volátil, característico do Fast Fashion. Mas para que essas iniciativas que possam realmente resultar numa transformação que a gente deseja elas precisam vir acompanhadas das ações políticas que é o que você disse, Ricardo, não adianta... o nosso papel como indivíduos é fundamental, é transformador, agora



BIO ^{IN}
SITU



Biologia In Situ Podcast

isso tem de vir acompanhado de novas regras sociais, que são esses espaços políticos, fiscalização mais severa para indústria, políticas de reparação e defesa do meio ambiente, defesa dos trabalhadores e defesa dos consumidores, projetos de educação são fundamentais porque é a semente da transformação e outras ações aí que vem de ONGs de um controle social.

Ricardo Gomes: Sim, sim, e uma tendência que ainda não dissemos, mas que está muito relacionada com a mudança de hábito de consumo é a do mercado de moda vegana, que compreende roupas, calçados, acessórios, bijuterias, até cosméticos também, entre outros produtos sem a exploração e morte de animais. A moda vegana é baseada na fabricação artesanal de peças atemporais em quantidades limitadas, prezando por condições mais dignas, justas e humanas de trabalho, e olha, Rita, não imaginaria que eu estaria fazendo uma pauta dessa um dia e logo eu que trabalhei... por pouco tempo, mas trabalhei sabe onde, Rita? Em uma loja de calçados de couro.

Rita Andrade: Olha só, quem diria que um tempo depois você aqui? [Risos]

Ricardo Gomes: 180° felizmente dessa volta na vida [Risos] mas é aquela coisa ainda, o mercado pequeno, dessa moda vegana e que poucas pessoas têm acesso, sem incentivo da esfera política não é possível construir uma moda sustentável democrática. Para desenvolver um consumo responsável a mercadoria deve ser acessível a todos e deve atender uma série de requisitos como informações de onde por quem e em quais condições aquela peça produzida, além da oportunidade de compra e preço justo.

Rita Andrade: Sim, e eu não sei se você se lembra Ricardo e ouvintes, mas a nossa Constituição de 1988 prevê, garante pelo menos constitucionalmente que vestir-se é direito do cidadão brasileiro, é uma questão de cidadania, dignidade. Então não é um assunto fútil, frugal, nós deveríamos realmente parar, demorar um pouco mais nessa questão quando estivermos comprando as nossas roupas e pensando em mudar os nossos hábitos. Essa é uma questão de cidadania e dignidade, a passos lentos e numa esfera ainda pequena vai crescendo essa mudança de comportamento entre





BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

nós, em grupos que procuram por brechós. Isso, eu vejo, se eu tomar como um parâmetro a cidade de Goiânia, o quanto cresceu nos últimos.... eu diria 3 anos ou pós-pandemia mesmo, feira de trocas, bazar, até mesmo novos conceitos de lojas conhecidos como bibliotecas de roupas, um armário compartilhado onde você consegue fazer uma assinatura mensal e você pode ali a cada mês pegar emprestado alguns itens, uma quantidade x de itens. Então vocês podem encontrar isso fazendo uma busca e uma pesquisa, não é difícil de encontrar no Instagram, nas mídias nas redes sociais e mesmo se você ficar atenta aí na sua cidade certamente você vai encontrar alguma ação semelhante a essa que eu mencionei. Esse tipo de comércio vento e sendo e isso vai ajudar muito a promover a sustentabilidade e consumo mais responsável, mais ético. [Pausa]

Rita Andrade: Bom, Ricardo, nós teríamos eu acho que muita coisa para falar sobre isso, tantas pessoas que nós gostaríamos de ter entrevistado. Como vem crescendo nas universidades e nos grupos, nos coletivos, eu acho que hoje muitas pessoas poderiam falar sobre esse assunto.

Ricardo Gomes: Sim, e como você sempre diz, Rita "Isso ainda dá muito pano pra manga". [Risos]

Rita Andrade: Exatamente, mas nós esperamos aqui a equipe toda que produziu essa nova temporada com muito carinho, foram meses de preparo de reuniões, de pesquisa, de elaboração de roteiro. Enfim, essas ideias aqui de formato vamos testando novos formatos e com muito carinho para vocês, bio-costureiras e bio-costureiros, para que vocês se sintam acolhidos, acolhidas e incentivados a mudar mesmo hábitos de consumo com esse objetivo de contribuir para uma forma mais sustentável da gente consumir roupas.

Ricardo Gomes: Uma convivência mais harmoniosa da nossa espécie com o resto do planeta e com as outras espécies.

Rita Andrade: Exatamente, como esperariam os bio-ouvintes, Ricardo. [Risos]



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Ricardo Gomes: Exatamente, no Biologia In Situ temos esse desafio de achar a biologia em todos os assuntos, e Biocosturas é um desses dos orgulhos que temos por que fomos lá no outro campo, conhecemos a Rita e em conjunto com a Rita estamos construindo essa maravilha que é o Biocosturas, essa interação da biologia e da moda, moda de biologia e design também, tudo junto. Rita, realmente queria te agradecer também porque o pessoal não sabe... aquela famosa frase: "Quem vê close não vê corre", não só não sabe o trabalho que dá para realizarmos, a quantidade de pessoas que está por trás desse projeto maravilhoso que fazemos aqui em parceria no Biologia In Situ e Outras Costuras e queria te agradecer por mais essa parceria, mais essa temporada no ar que agora está chegando ao fim mas que com certeza ainda dá muito assunto para frente.

Rita Andrade: Muito pano para a manga, não é, Ricardo? [Risos] Eu que agradeço, vocês são incríveis e uma equipe maravilhosa muito comprometida com a qualidade e assim muito impressionante trabalhar com vocês. Agradecer a Universidade Federal de Goiás que é por onde a gente realiza esse projeto de extensão que é o podcast Outras Costuras, a vocês ouvintes, Bio-ouvintes e Bio-costureiros e costureiras e ouvintes do Outras Costuras. Convite aqui para vocês não conheceram, não ouviram a temporada 1 e os primeiros episódios 1 e 2 dessa nova temporada, façam isso visitem o Biologia In Situ, o podcast Biologia In Situ. E vocês, bio-ouvintes, venham conhecer Outras Costuras, quem sabe vocês também não se apaixonam por esse universo, mas sempre pensando no consumo mais sustentável.

Ricardo Gomes: Exatamente, essa temporada decidimos por botar os episódios todos os dois feeds, então tem gente que está ouvindo isso aqui no feed e de Outras Costuras tem gente que está ouvindo isso aqui no feed do Biologia In Situ. Mas a nossa primeira temporada que teve quatro episódios tem dois episódios em cada feed e é muito legal você ir lá e procurar esses dois episódios de cada feed que tem essa interação muito boa começamos a fazer e demos continuidade esse ano.



BIO ^{IN}
SITU



BIO ^{IN}
SITU

Biologia In Situ Podcast

Rita Andrade: Isso mesmo, não deixem de visitar os dois feeds. Ricardo, um abraço para você e nesse abraço eu peço que você abrace a equipe inteira.

Ricardo Gomes: Ah com certeza. [Risos]

Rita Andrade: E para vocês também ouvintes foi um prazer enorme e até o próximo.

Ricardo Gomes: Muito obrigado! Gente, até a próxima. Beijão!

Rita Andrade: Bom, a série Biocosturas é uma parceria dos podcast Biologia In Situ e Outras Costuras.

Ricardo Gomes: O podcast Outras Costuras é um projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás UFG.

Rita Andrade: A coordenação de projetos de extensão é minha: Rita Andrade.

Ricardo Gomes: Também participou bolsista PIBIC de ações afirmativas Rafael Paulino Ferreira.

Rita Andrade: E a estagiária Larissa Souza Silva.

Ricardo Gomes: O podcast Biologia In Situ tem a coordenação de Cristiane Santos, Gabriel Oliveira, Ricardo Gomes e Victor Lopes.

Rita Andrade: E a pesquisa de pauta de Gabriel Poccia, Isabelle Passos, Mariana Santos e Victor Lopes.

Ricardo Gomes: Revisão científica por Felipe Ramos e Nadja Lopes.

Rita Andrade: A revisão textual é de Sueli Rodrigues.

Ricardo Gomes: Roteirização por Gabriel Poccia.

Rita Andrade: A direção do Victor Lopes.

Ricardo Gomes: Locução por Rita Andrade e Ricardo Gomes. Edição de áudio por Gustavo Almeida. Arte de capa pela Jennifer Leão.

Rita Andrade: As postagens nas redes sociais por Marjorie Castilho.

Ricardo Gomes: E a transcrição por Cecília de Lima, Cristianne Santos, Karina Laskawski, Luiza Ferreira e Mariana Tigano.



BIO ^{IN}
SITU